

1900

III



BIBLIOTHECA

N.º 283

EDUARDO SCHWALBACH LUCCI

A BISBILHOTEIRA

COMEDIA EM 3 ACTOS

ORIGINAL

*Representada com ruído successo nos theatros
do Gymnasio, Rua dos Condes, em Lisboa, S. João
e Principe Real no Porto
e em quasi todos os theatros da provincia
e Brazil*



LIVRARIA POPULAR DE FRANCISCO FRANCO

(Casa fundada em 1890)

50 a 54 - TRAVESSA DE S. DOMINGOS - 50 a 54

LISBOA



BIBLIOTHECA DRAMATICA POPULAR
N.º 283

EDUARDO SCHWALBACH LUCCI

A BISBILHOTEIRA

COMEDIA EM 3 ACTOS

ORIGINAL



Representada com ruidoso successo
nos theatros do Gymnasio, Rua dos Condes em Lisboa,
S. João e Principe Real no Porto e em quasi todos
os theatros da provincia e Brazil



LIVRARIA POPULAR
DE
FRANCISCO FRANCO
(CASA FUNDADA EM 1890)

30 a 34 . TRAVESSA DE S. DOMINGOS . 30 a 34
LISBOA

PERSONAGENS

Quiteria	Beatriz Rente.
Dr. Raymundo.....	Soller.
Jacinto.....	Cardoso.
Elisa.....	Sophia Santos.
Candida.....	Julianna.
Maria	Palmyra.
Saraiva.....	Ignacio.
Frederico.....	Sarmen'to.
Teixeira.....	Marcellino Franco.
António.....	Annibal Pinheiro.
Laura.....	Palmyra Ferreira.
Genoveva.....	Virginia Farrusea
1.º creado.....	Brandão.
2.º ".....	Leonel.
Creada	Silveria.

1951
Hanna José

N'uma praia — Actualidade

ACTO I

*Sala d'um hotel pacato. Duas portas á D. e duas á E.
Ao F. varanda que dá ingresso ao hotel*

SCENA I

1.º e 2.º creados

(Quando sobe o panno, dois creados passam em direcção opposta, um com uma bandeja com louça e o outro com roupa de quarto.)

1.º creado — Anda, avia-te, já chegou o comboio e devem vir mais hospedes.

2.º creado — E o patrão que hoje não está nos seus dias de melhor humor !

1.º creado — Vamos lá, que elle não é dos peiores,

2.º creado — Lá isso não é.

SCENA II

Os mesmos e Saraiva

Saraiva *(entrando F., de olhos baixos, como quem procura alguma cousa, a meia voz)* — Demonio !

1.º creado — O sr. Saraiva procura alguma cousa?

Saraiva — Não .. Sim... Não... Procuo um papel que perdi... Não encontraram ?

Os dois — Nã , senhor.

Saraiva *(disfarçando)* — Não era nada importante... *(vae procurar outra vez, mas reparando nos creados)* Podem-se ir embora... Não vale nada !... E' um apontamento insignificante. .

2.º creado *(saindo por um lado, ao 1.º que sae pelo outro)* — Elle diz que é insignificante ? E' porque é de importancia !

1.º creado — Por causa da gorgêta !... *(saem)*

Saraiva *(continuando a procurar)* — Esta !... Esta !... Com a minha letra !... Se minha mulher a encontra, temos drama !... Se fôr a minha sogra... é tragedia !... Mas quem me manda a mim ser tolo ? .. Um homem sério, um medico, não devia querer saber de bugigangas amorosas. *(continua a procurar)*

SCENA III

Saraiva e Frederico

Frederico (*vendo Saraiva pelas costas*) Está prompto ?

Saraiva (*fulo*) — Eu é que estou prompto !

Frederico — Tu ?! Porquê ?

Saraiva — Porque perdi o rascunho.

Frederico — Oh ! Diabo !

Saraiva — Oh ! Pedaco d'asno que eu fui em te dar ouvidos !

Frederico — Mas onde perdeste.. ?

Saraiva — Se eu soubesse onde tinha perdido, não estava o caso tão feio !... Imagina que minha mulher ou minha sogra encontram a carta ! Não ha uma nem duas : acreditam logo que é minha...

Frederico (*rindo*) — Ora ! Uma pequena sensaboria familiar!

Saraiva (*fulo*) — Com minha mulher ao piano e a minha sogra a marcar a contradança ! (*fulo*) Mas quem me mandou ser tolo ? Quem me mandou importar com que tu queiras fazer a côrte a essa delambida da Laurinha... e que sejas tão estúpido que nem duas linhas amorosas saibas escrever ! (*Frederico tem querido interrompê-lo, a protestar; elle não o deixa e cresce de furia*) Quem me mandou fazer esse estúpido rascunho ?

Frederico (*atrapalha lo*) — Mas, ó menino, se o encontrarem, dizes que era... dizes que não era... ou antes... Nem sei o que digo; metto os pés pelas mãos !

Saraiva — Não faz diferença nenhuma, não se dá por isso !

Frederico — Talvez deixasses no teu quarto...

Saraiva — Qual deixei ! Metti-o na algibeira, quando fui á estação, esperava lá encontrar-te... e, agora quando dei pela falta, é que me separei do rancho e vim a correr...

Frederico — Talvez no jardim... Vamos lá procurar.

Saraiva (*saindo com elle pela E. A.*) — Vamos lá !... Mas fica-me de emenda !

SCENA IV

Jacintho, Quiteria e o dr. Raymundo

Jacintho (*entrando com Quiteria e Raymundo*) — Não se hão de V. Ex^{as} arrepende de ter vindo para o meu hotel. Não é de estimação, mas de um grande acio e muito socegado. Vive-se aqui como em familia, os creados muito bons... ás vezes, é claro, um ou outro esquecimento, uma pequenina falta, que todos teem...

Quiteria (*que, logo que entrou, foi bisbilhotar tudo que está em cima das mezas, destopar caixas, abrir livros, voltando-se rapida e falando muito depressa*) — Ah ! Os creados não prestam ? São maus ? Faltam ao serviço ? Não fazem o que se lhes manda ?

Jacintho (*que tem querido protestar mas não tem conseguido*) — Oh ! minha senhora, eu não disse tal. Pelo contrario...

Quiteria — Bem comprehendo ! Não sou nenhuma tola ! Basta-me meia palavra ! . . . Percebo tudo á legua ! . . . Adivinho as cousas no ar !

Raymundo (*que tem procurado falar*) — O' m'nina, aqui o sr. Jacintho o que disse . . .

Quiteria (*que tem ido espreitar pelo buraco da fechadura da 1.ª porta E. B., a Raymundo*) — Mette-te lá com a tua vida ! (*rápida a Jacintho*) Quem está aqui n'este quarto ? E' bom ? . . . Tem janella ? E' desafogado ?

Jacintho — Sim, minha senhora. E' do sr. major Teixeira.

Quiteria (*que tem tornado a espreitar*) — Elle é casado ? Tem duas camas . . .

Jacintho — Não, minha senhora E' elle e o filho: o sr. Antonio.

Raymundo (*a Jacintho*) — Mas vamos a saber : onde são os nossos quartos ?

Jacintho — No fundo d'este corredor. (*indica a 1.ª porta á E.*) Muito bem situados. V. Ex.ª verá. Ha de ficar satisfeito . . . e com a comida tambem. Ha uma grande vantagem n'este meu hotel : tudo é legitimo. O azeite é da minha lavra, legitimo; o vinho — idem, legitimo; a manteiga, feita em casa — legitima; o vinagre — legitimo; os chouriços . . .

Raymundo (*interrompendo, em troça mansa*) — . . . Legitimis !

Jacintho — Sim, senhor !

Raymundo — E no fim do jantar, tem de se fazer uma saude ao sr. D. Miguel ?

Jacintho (*estupefacto*) — Porquê ?

Raymundo — N'um jantar todo legitimis'a ! . . .

Jacintho (*não percebendo mas rindo*) — Ah ! ah ! ah !

Quiteria (*que tem estado a espreitar pela fechadura dos dois quartos da D.*) — E n'estes quem está ?

Jacintho — N'esse, (*indica o 1.º*) é o sr. dr. Saraiva e a esposa, a sr.ª D. Candida.

Raymundo — Quê ? O meu collega ? O dr. Saraiva, medico ?

Jacintho — Sim, senhor.

Raymundo — Ainda bem.

Quiteria (*que tem ido á segunda porta*) — E n'este ?

Jacintho — N'esse, é a sogra, a sr.ª D. Elisa, e a filha solteira, a menina Maria. Veem para cá todos os annos !

Quiteria (*abrindo a porta*) — Ah ! E' n'este ?

Raymundo (*reprehensivo*) — Então, Quiteria ! . . .

Quiteria (*não lhe dando attenção, da porta*) — Que bonito vestido ! (*entra rapidamente*)

Raymundo (*afflicto, chamando-a*) — O' menina ! Valha-te Deus ! Que imprudencia !

Jacintho (*tambem afflicto, mas disfarçando*) — Effectivam ente. . . podem vir. . . Foram todos á estação e não devem tardar. . .

Quiteria (*voltando a rir-se*) — Então, não tinha imaginado. que era de setim, e não me sae setineta ? (*ri*)